REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 60
AGOSTO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 60
DOSSIÊ ARTES, COMUNIDADES E EDUCAÇÃO



QUANDO AS LINHAS DAS MÃOS TOCAM A SEMENTE DA PALAVRA...

WHEN PALM LINES TOUCH THE SEED OF THE WORD...

Francieli Regina Garlet
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, SP/Brasil

Antônio Carlos Rodrigues Amorim
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, SP/Brasil

Resumo: Esse ensaio busca cartografar movimentos de pensamento/criação que se dão a partir de encontros com palavras, sementes, docências, linhas das mãos, de escritas e de vidas que atravessaram um percurso de pós-doutorado. A partir da noção de comum como encontro alegre, conexão que, pelo dissenso, aumenta as potências de agir, buscamos pensar que comunidades são possíveis de serem forjadas a cada vez a partir desses atravessamentos heterogêneos. Ao atentar não só ao que se cultivava nesse processo, mas também ao que se podia aprender/criar no contágio com o que escapava e pedia para traçar outras linhas, foram se forjando espaços de experimentação poética com palavras, sementes e germinações como modo de produzir refúgios para fabular mundos.

Palavras-chave: Refúgio. Criação. Educação.

Abstract: This essay seeks to map movements of thought/creation that arise from encounters with words, seeds, teachings, palm lines, of writings and lives that have been through a post-doctorate journey. Based on the notion of common as a joyful encounter, a connection that, through dissent, increases the powers to act, we seek to think that communities are possible to be forget each time from these heterogeneous crossings. By paying attention not only to what was cultivated in this process, but also to what could be learned/created in the contagion whit what escaped and asked to draw other lines, spaces of poetic experimentation were forged whit words, seeds and germination as a way of producing refuges to create worlds.

Keywords: Refuge. Creation. Education.

Eu queria pegar na semente da palavra

(Manoel de Barros, 2015)

Intentamos com esse ensaio escrever sobre/ ‘com’ deslocamentos e encontros de uma travessia de pesquisa-vida que transita, encontrando-se com imagens, docências, palavras, sementes e refúgios... Por onde começar? Entendemos o escrever sobre/ ‘com’ como algo que se assemelha a um emaranhado de linhas, fios soltos, nós... Acreditamos que ao passo que escrevemos, vamos puxando um fio aqui,



outro acolá e até a pausa/fim da escrita é como se todo esse trabalho tenha sido feito para que outros nós e fios soltos se tornassem possíveis... O emaranhado não se finda...

Talvez possamos começar com algumas pistas, pontas de linha, pelas quais podemos adentrar no emaranhado: refúgio e imagens são as linhas-chamado, essas pontas de início que ao mesmo tempo são essas pontas soltas em flerte com o devir... linhas que atravessam o emaranhado com o qual escrevemos essas linhas...

Sinuosas, essas linhas ora vão produzindo nós, abraçando outras linhas, ora vão produzindo mapas/cartografias numa composição com outras linhas que chegam para compor...

Linhas de escrita, linhas de vida, linhas de mundos, linhas das mãos, linhas de territórios e de desterritorialização, linhas que não se encaixam ao serem sobrepostas, pois cada uma é um traço de vida singular... O que esse desencaixe produz? ‘entres’... espaços para composição, espaço no qual pode passar algo de outra ordem, no qual pode se acumular restos, poeiras, matéria orgânica capaz de produzir no tempo refúgio para germinares...



Imagem 01. Sobre levar as linhas das mãos para passear, ou tecer outras composições. Fotografia: Francieli R. Garlet, 2023. Fonte: Acervo pessoal.



No título desse ensaio, mencionamos as linhas das mãos... Ah as linhas das mãos... Poderíamos tatear com elas a leitura de futuros, mundos por vir, essa névoa em constante agitação e estado de fazimento? Anna Tsing (2022), nos convida a desviar da suposição de que o futuro é uma direção única a frente, segundo a autora "múltiplos futuros entram e saem do campo das possibilidades" numa "polifonia temporal" (TSING, 2022, p. 30).

Quantos 'entres' e composições e deslocamentos e refúgios são possíveis, a cada vez, a cada tateio dessa 'polifonia temporal'?

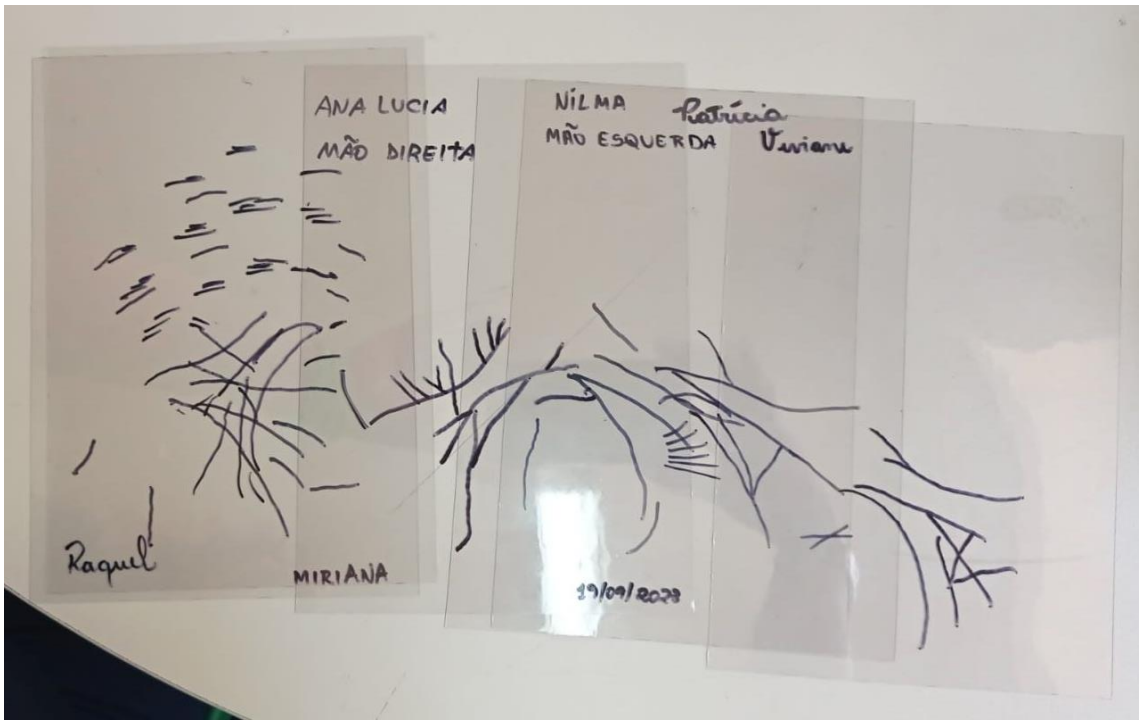

Imagem 02: Compor com as linhas das mãos. Com professoras da Escola Estadual Dona Castorina Cavalheiro, Campinas/SP, 2023. Fonte: Acervo pessoal.

Ao conectar as linhas das mãos, esse traço singular de nossa existência, com outras linhas que encontramos em nossas travessias, podemos nesse com_tato, expandir nosso território pela desterritorialização e reterritorialização, traçando cartografias outras de existência pela conexão/composição... Expandir pela desterritorialização e reterritorialização, não implica na usurpação do espaço ocupado por outras linhas de vida... como menciona Skliar:



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rata, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

> Qualquer tentativa de colocar-se na pele de outro comete uma heresia, pois se trata de uma sobreposição, uma usurpação, um ultraje, e não de uma contemplação, uma apreciação, uma disposição: Como seria possível estar por dentro, adentrar e respirar numa idade que ainda não tenho ou já tive, um corpo que não percebo, um país que não habito, uma língua que não falo?
>
> [...]
>
> Seria questão de prolongar um pouco a nós mesmos, mas prolongar-se quer dizer despedaçar-se, perder-se, desvanecer-se, deixar de saber-se, tornar-se irreconhecível. Arriscar-se a não se ver repetido (SKLIAR, 2014, p. 145-146).

Um tatear a si mesmo, em seu estado de fazimento, em germe de vida/mundo que encontra condições para germinar no encontro com aquilo que não encontra encaixe-semelhança nas formas que o nosso estado momentâneo de ser /estar assume.

Conexão como potência, como forja de um comum que abarca as políticas do dissenso. Silvio Gallo (2014), a partir de Jacques Rancière, menciona que a política do dissenso nada tem a ver com o que geralmente chamamos de política (administração do social) esta última estaria mais ligada ao que conhecemos como polícia, um policiar que atua no sentido de produzir consensos, administrar o comum para que pertença a uma totalidade, totalização, para que as singularidades sejam recolhidas em um comum totalizado. Entretanto, a política do dissenso é aquela que produz perturbações na ordem das coisas, é aquela que afirma a diferença que chega como potência criadora de outros possíveis, a política nesses termos, pensa e opera o comum pelo mínimo e pelo efêmero, ou seja, afirma que “o comum só é possível na diferença, na multiplicidade, sem totalizações” (GALLO, 2014, p. 32).

Gómez Mora (2019) ao pensar o comum em composição com o pensamento de Espinoza, o faz a partir da noção de afecto. Ele menciona que “En los cuerpos que se afectan siempre hay algo en común, en su diferencia, que les permite la afección” (GÓMEZ MORA, 2019, p. 100), se nada há em comum, nada se passa nesse encontro, nem aumento, nem diminuição de potência. O comum, seria, assim, um esforço em buscar encontros que aumentem a potência de agir, de modo a veicular o comum na diferença. O aumento da potência de agir estaria ligado, assim, a essa diferença que compõem conosco, expandindo nossa existência.



Com essas noções de comum, poderíamos pensar os encontros que temos, não apenas com pessoas, mas com escritas, imagens, materialidades, diferentes temporalidades, como produção do comum e por sua vez de comunidades? A aposta dessa escrita se dá nessa direção, sendo a produção de comunidades (assim no plural e em sua efemeridade) entendida aqui pelos encontros de distintas ordens, que vão acionando composições que aumentam a potência de agir do que entra nessa relação. Nessa escrita/pesquisa criamos comunidades com docências, autores/as, sementes, palavras, crianças, migrações... Comunidades como rizomas, como multiplicidade móvel, nos termos de Deleuze e Guattari (2011), que se expande ao passo que aumentam suas conexões.



Imagem 03: Sobre levar as linhas das mãos para passear, ou tecer outras composições. Fotografia: Francieli R. Garlet.



O ‘entre’ que se produz nos encontros pode ser um espaço, um intervalo, mas também pode também ser um convite: Entre!

Das conexões com uma criança, com sementes e outras germinações...

Em março de 2023, quando a pesquisa de pós-doutorado da primeira autora, supervisionada pelo segundo autor, era ainda uma possibilidade se desenhando e ganhando forma através da escrita do projeto ‘Imagens para escutar/criar/abrir multiplicidades: Movimentos menores de formação docente no encontro com vidas refugiadas’, ela fez com seu filho Benjamim uma experimentação que despretenciosamente foi atuando como inquietude e foi mobilizado pensamentos e desdobramentos que se conectam e ganham fôlego junto do que foi movendo a pesquisa e essa escrita, por entre refúgios, deslocamentos, docências, palavras e sementes.

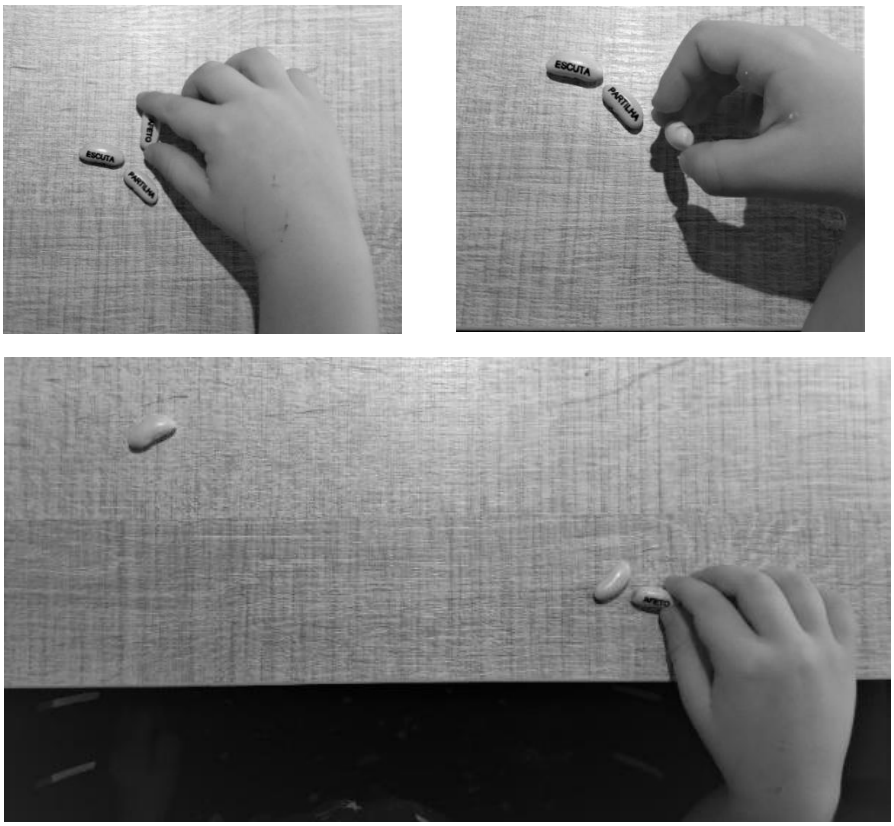

Imagem 04: Experimentação com feijões-palavras, Benjamim e o jogo do presente. Fotografia por Francieli R. Garlet. Fonte: Acervo pessoal.



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rata, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

Certa manhã ela convidou seu filho de 1 ano e 11 meses a plantar sementes de feijão no algodão... Um experimento que muitos/as de nós já tievemos a oportunidade de fazer e acompanhar durante a infância, muito provavelmente no ambiente escolar...

Tais sementes abrigavam palavras grafadas... *escuta, partilha e afeto*... palavras que ela escolheu enquanto a gestação do seu filho acontecia, para compor lembranças-experiências em potência de germinar, que seriam entregues a quem fosse visitar o pequeno após seu nascimento, como um gesto/convite de semear um mundo por vir, nutrido de *escuta, partilha e afeto.*

Naquela manhã, ao ver as sementes com as mãos, o pequeno foi tecendo uma dança ao catar, reunir e afastar e reunir de novo as sementes e suas palavras infinitas vezes, tecendo composições provisórias afirmando um presente que ia adiando o gesto de plantio, ou talvez, forjando formas de germinar outros possíveis: efêmeros, provisórios, tão microscópicos ao olho das funções, que por elas passaria despercebido...

Vamos colocar as sementes nessa caminha fofa de algodão? Ela convidou. A resposta do pequeno foi imediata: não! E lá ficou ele a alargar o intervalo, brincando em tempo expandido, reunindo e afastando as palavras-sementes entre si, retirando os algodões das caixinhas, adiando a sina das sementes e palavras, afirmando o jogo do presente. Ele gostou muito desse exercício de 'plantar' as sementes no presente, e esse gesto, de certo modo, fazia um chamado ao que aquelas sementes traziam em palavras: *Escutar* - deixar tombar o objetivo final, deixar-se afetar, atravessar, inquietar pelo acontecimento de uma travessia que se faz junto, partilhando do mesmo tempo de existência, afirmando o lance de dados-palavras-sementes no acaso do presente. Deleuze (1976), a partir de Niezsche, menciona que o lance de dados se trata de uma afirmação do devir e do ser do devir. Enquanto "os dados lançados uma só vez são a afirmação do acaso, a combinação que formam ao cair é a afirmação da necessidade" (1976, p. 14). Não se trata, assim, de uma combinação a ser buscada (uma combinação esperada dos números, ao caírem os dados), mas, sim, do que é possível afirmar e produzir naquele conjunto que se forma a cada vez ao cair dos dados,



espreitando o que se pode a cada lance, no que se produz como necessidade a cada vez, nesse jogo.



Imagem 05: Experimentação com as sementes-palavras e outras germinações. Fonte: Acervo pessoal.

Na segunda tentativa de plantio, quando o pequeno já tinha repetido até cansar o jogo-brincante com as sementes-palavras, mais um desvio... Da tentativa frustrada de germinação das sementes emergia uma outra relação que se dava entre as sementes e outras vidas que foram entrando em composição com elas, convidando mais uma vez a afirmar o lance de dados, de onde brotavam inquietudes convidando a pensar:



Que perspectivas tornam determinadas vidas 'mais válidas' do que outras? A tentativa que foi frustrada diante de uma determinada forma de racionalidade, abria outros possíveis diante da impossibilidade que se afirmava... Aquelas sementes não cumpririam o destino de se tornar um pé de feijão, ela e seu filho não acompanhariam o seu crescimento... mas, nascia ali, nessa outra relação, outros possíveis para pensar nossas relações com a *escuta*, com a *partilha* e o *afeto*... Jorge Larrosa menciona que "na escuta alguém está disposto a ouvir o que não sabe, o que não quer, o que não precisa. Alguém está disposto a perder o pé e a deixar-se tombar e arrastar por aquilo que procura" (LARROSA, 2002, p. 134).

A decomposição da semente inquietava, será que o projeto de germinar escuta não havia dado certo? Seria aquela uma metáfora do que temos vivido nos últimos tempos? Poderíamos pensar nessa outra relação que acontecia, não como uma relação que não deu certo (por não ser a esperada), mas, como outra relação possível? Afinal outras vidas estavam ali, em relação... Por que a vida que proliferava na superfície da semente seria menos importante que a que estava em potência de germinar em seu interior? Poderíamos pensar essas questões sem a pretensão de um consenso sobre elas, acolhendo a multiplicidade de formas de pensar uma escuta, uma germinação, uma decomposição, uma composição? Poderíamos pensar a *partilha* e o *afeto* (palavras grafadas nas sementes) como a "possibilidade de estar juntos, como a possibilidade de convivência, mas, uma convivência que não aponte necessariamente para uma harmonia, uma evitação de conflitos, um acordo instantâneo, uma plena satisfação" (RIBETTO, 2011, p. 110-111)?

Experienciar esses processos, frustrados do ponto de vista majoritário de tal experimento, convocou à experimentação, convocou-nos a pensar o que pode uma vida, uma docência que em sua travessia acolhe aquilo que em suas experimentações seria descartado, invisibilizado ou colocado embaixo do tapete. Faz pensar também em como lidar com as violências decorrentes de processos que privilegiam determinadas formas de vidas e histórias em detrimento de outras... Faz pensar no que se passa no 'entre' das tentativas de repetição de experimentos, de aulas, de modos de existir/pensar, que consideram apenas as condições favoráveis para um



resultado já esperado e considerado o único possível, descartando as variáveis (encontros) que acontecem em meio ao percurso. Convocou a pensar o que podemos aprender com o que escapa, com o que flui e foge às normas e expectativas...

Talvez seja esse o chamado de Tim Ingold (2013) à recuperarmos nossa capacidade de assombro, assumindo a vulnerabilidade de não ter controle sobre o que é vivo... O assombro para o autor nada tem a ver com surpresa, pois tudo que é vivo carrega uma imprevisibilidade consigo, a imprevisibilidade não tem a ver com uma exceção, pertence a tudo que é vivo. Recuperar nossa capacidade de assombro talvez diga de cavar buracos no nosso 'acostumar', revirar as camadas normatizadas e colonizadas do existir, abrindo os poros para que possa emergir o assombro, como um se deixar tocar, afetar, atravessar... Abrir as mãos, deixar suas linhas à disposição para a multiplicidade de conexões e composições por vir.

Das conexões que produzem refúgios e germinações...

Na travessia da pesquisa temos andado de mãos abertas, a tatear encontros, temos sentido no corpo/pensamento o impacto do encontro com histórias de migrações e temos entendido a palavra, a criação de aulas/encontros e a lida poética com sementes e germinações como modo de produzir refúgios para fabular mundos. Temos buscado atentar, 'notar' não só que se cultiva nesse processo, mas também o que podemos aprender/criar no encontro espontâneo com o que escapa, e que pede para traçar/investigar outras linhas de vida.

A materialidade de palavras e sementes tem me acompanhado a primeira autora já há algum tempo (pesquisa poética do bacharelado em Artes Visuais- 2019) e tem funcionado na pesquisa atual como um potente intercessor para pensar relações com refúgios. Temos imantado junto a esse processo alguns autores/as que tem também explorado tais contágios entre palavras e sementes em seus escritos, como: Suely Rolnik e o que ela traz sobre as palavras-alma a partir seu encontro com a língua guarani; e os escritos de Antônio Bispo dos Santos (o Nego Bispo) que abordam o que ele denomina como palavras germinantes.



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota. Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social. Taller López de la Torre

Rolnik já movimentava os processos de criação do bacharelado, convidando a pensar num processo de encontro ou reencontro entre palavra (essa produtora de mundos) e alma (esse sopro vital). Esse encontro que conecta palavra e alma, supõe um tempo de germinação e atenção ao que pede passagem, enquanto mundos por vir, no próprio processo.

Na língua guarani, a garganta é chamada tanto de *ahy'o* como de *ñe'e rayty,* sendo a tradução dessa última, literalmente, 'ninho das palavras-alma'. Como menciona Rolnik, os guaranis "[...] sabem que embriões de palavras emergem da fecundação do ar do tempo em nossos corpos em sua condição de viventes e que, nesse caso, e só nele, as palavras têm alma, a alma dos mundos atuais ou em gérmen que nos habitam nessa condição" (ROLNIK, 2018, p. 26).

Para os guaranis, a doença orgânica ou mental acontece quando 'palavra' e 'alma' se separam. Segundo a autora, a espera do tempo próprio de germinação de palavras-alma, assim como o cuidar desse ninho que fornece a elas as condições necessárias para acontecer, talvez seja nosso maior desafio nos tempos em que vivemos. Germinar palavras pode ser um exercício de tempo e cuidado, para escutar/tatear as possibilidades de criação de outros possíveis que afloram e pedem passagem diante das impossibilidades. Com Rolnik e os guaranis tenho pensado em como produzir refúgio capaz de abrigar, recolher-acolher palavras, num trabalho coletivo de germinação produção de mundos.

O atravessamento com os escritos de Nego Bispo, poeta, escritor, relator de saberes, lavrador de palavras e liderança quilombola (Comunidade Quilombola Saco-Curtume/PI), tem mobilizado a pensar na energia que colocamos nas palavras que podem fazer delas uma palavra-germinante ou não. Nego Bispo faz pensar também nas encruzilhadas como espaços germinantes, nos quais encontros vão convidando as palavras em suas 'reedições' a produzirem outras travessias. Em entrevista prestada a Dandara Rodrigues Dorneles, ele menciona:

> quando eu escrevo, eu estou semeando palavras sementes que vão germinar em forma de palavras nas bocas de várias pessoas. Essas palavras [...] são alimentos, são frutos que vão alimentar os sentidos, todos os sentidos. E assim as palavras vão nos movendo pela oralidade, pela escrita ou pelas imagens.



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota. Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social. Taller López de la Torre

> Agora, quando você escreve uma letra sintética, sem energia, sem força, desconectada, aí ela não germina [...] tem gente que escreve letras que não são sementes, que são apenas grãos. Então tem escrita que germina [...] e escritas que ficam lá, armazenadas nas prateleiras, não servem nem para quem as escreveu [...] quando as pessoas reeditam as palavras, que é diferente de repetir, é porque elas são germinantes. (SANTOS, 2021, p. 20).

Foi por meio desses dois intercessores (palavras-alma e palavras-germinantes) e do convite a plantar palavras que a primeira autora passou a ter encontros com as professoras da Escola Estadual Dona Castorina Cavalheiro (Campinas/São Paulo) que atuam com crianças de 1º a 5º anos, e que acolhem em suas turmas crianças migrantes. Esse grupo já vinha realizando um percurso de encontros com o supervisor desta pesquisa de pós-doutorado, Prof. Dr. Antonio Carlos Rodrigues Amorim, tendo como elemento disparador dos encontros a literatura infantil sobre refúgio, com enfoque no trabalho com as imagens.

Assim, nesses encontros, temos recolhido, pensado e plantado palavras, em temporalidades distintas, e de distintos modos. Juntas/os estamos também a tatear o que germina nesse processo, dessas palavras, desses convívios e composições semanais de 45 minutos... Temos atentado ao que pode um corpo-palavra, um corpo-semente, um corpo-palavra-semente conjugado como um verbo-refúgio-germinação... Temos atentado aos encontros que esse processo e palavras-sementes tem imantado, o que tem trazido para perto enquanto outras conexões possíveis com palavras, textos, obras artísticas, experiências vivenciadas, atentando ao que nos convidam a pensar/criar/forjar junto a noção/relação/acontecer de um refúgio.

Nesse processo e no tateio de possibilidades outras de plantio, a primeira autora intentou plantar a palavra refúgio na parede de sua casa...

O tempo seco que fazia naquela semana em Indaiatuba/SP e a verticalidade da parede não deixava a água acumular junto as sementes, evaporando-a rapidamente, antes que qualquer uma delas pudesse ensaiar uma germinação...

Ela chegou a pensar que a não germinação tinha a ver com as sementes, que já estavam há algum tempo paradas na prateleira de alimentos de sua casa... mas também sabia do atrevimento daquele gesto de plantar sementes em algo tão vertical e hostil quanto a parede... isso nunca daria certo, não é mesmo?



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rata, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

Poderia abandonar a experimentação por ali, sem contar a ninguém desse atrevimento, entretanto, queria tentar uma vez mais, e começou a pensar alternativas para mais uma tentativa de germiná-las. Parafraseando Rafael Trindade[1] podemos pensar que se a semente não brota, a culpa não é da semente. A relação é a base de tudo. Por que a semente não se compõe com aquele lugar? Certamente é algo que aconteceu na relação, podemos dizer que essa relação não floresceu. Que relações outras pediam passagem ao plantar a palavra refúgio na parede?

Ela lembrou então de alguns pedaços de gaze (de curativos) que tinha guardado em sua casa na caixa de medicações. Colocou a gaze sobre as sementes, borrifou água de modo uni-las à parede. A gaze criou uma 'barreira' onde a água podia permanecer junto das sementes por mais tempo, o tempo necessário entre uma rega e outra. Em alguns dias, com o cuidado da rega frequente, e o ambiente menos hostil, as sementes começaram a germinar e aos poucos foram atravessando os espaços vazios entre um fio e outro da trama da gaze. No refúgio encontraram a força necessária para atravessar fronteiras...





[1] TRINDADE, Rafael. Espinosa - O que pode o corpo? Disponível em: https://razaoinadequada.com/2013/08/25/espinosa-o-que-pode-o-corpo/





Imagem 06: Refúgio germinante. Sementes de chia e gaze fixados com água na parede. Fotografias da germinação ocorrida entre 29.08.23 e 04.09.23. Elaboração e fotografias: Francieli R. Garlet. Fonte: Acervo pessoal.

Essa experimentação disparou a pensar o refúgio como uma relação na qual não seja necessário caber... mas que é necessário cuidar, envolver-se, deixar-se afetar pelas solicitações presentes... Ficamos a pensar se o refúgio poderia não ter uma forma, ou escapar a forma... habitar uma zona de indeterminação onde não se sabe quem refugia e quem é refugiado... onde há apenas um sim de uma relação em que ambos possam tornar porosas suas fronteiras e expandir suas existências...





Imagem 07: Refúgio germinante (detalhe). Sementes de chia e gaze fixados com água na parede. Fotografia e composição: Francieli R. Garlet. Fonte: Acervo pessoal.

Refúgio como possível zona de contato, um espaço fértil em que se possa ao mesmo tempo produzir abrigo e cuidar/fortalecer o que cada um/a traz no corpo enquanto 'casa', esse 'um pouco de possível para não sufocar' (DELEUZE, 1992) e ao mesmo tempo a expansão pelos encontros com a multiplicidade...

Refúgio como possibilidade de afirmação e expansão, que nada tem a ver com a autossuficiência ou sobrevivência como 'um salvar a própria vida', mas antes, abarca algo de coletivo, numa escuta política e criadora, capaz de proliferar futuros possíveis tendo a diferença como mobilizadora de articulações, tomando a diferença não como algo a reduzir para caber em uma história única, mas como a potência de começo, germinação de outras histórias (OLIVEIRA, 2022).



Imagem 08: Refúgio germinante (outra perspectiva). Sementes de chia e gaze fixados com água na parede. Fotografia: Francieli R. Garlet, 2023. Fonte: Acervo pessoal.

Refúgio como escuta atenta ao que necessita se transformar em palavras, mas que nem sempre encontra um meio... Refúgio como escuta e acolhimento de palavras que, por vezes, nos chegam frágeis, trêmulas, embargadas, violentadas. Escuta que reconhece a impossibilidade de tatear a dimensão do que se passa com um outro corpo, pois cada corpo encontra/sente/sofre as forças do mundo de um modo singular. Escuta que pode ser um canal de contágio, de afecção, de encontro e composição. Escuta como gesto de unir, abraçar, emaranhar linhas de vida/ das mãos que possam produzir o aconchego de um ninho onde é possível forjar asas... Um estar em c(asa). Refúgio como relação que torne possível fazer e refazer o ninho sempre que necessário, para que palavras e imagens possam germinar enquanto mundos por vir.



Imagem 09: Semente c(asa). Intervenção com caneta posca e marcador permanente sobre semente. Fotografia: Francieli R. Garlet.



Foto: Professora Ana Laura López de la Torre - Aula en la Plaza Rota, Pueblo Victoria (2022) EFI Arte, Barrio y Acción Social, Taller López de la Torre

Nas palavras que vão aparecendo nos encontros, recolhidas pelas professoras no afectar-se com crianças migrantes e não migrantes, há palavras que dizem de desejos sobre um existir juntos – empatia, respeito, vida, paz, ajuda, sonho, amor, alegria, amizade - palavras que se repetem no seu apelo em comum desde muitos lugares, que apesar das tantas camadas pelas quais são embrulhadas pela política do comum totalizador, ainda podem pulsar como lampejos em sua diferença, como vaga-lumes que resistem ao excesso de holofotes ofuscantes da política-polícia-mídia-mercadoria contemporânea (DIDI-HUBERMAN, 2011). Que povos/comunidades por vir tais palavras em sua pulsação e potencialidade de afetar e serem afetadas convidam a compor? Que outras fulgurações podem acionar em sua germinação? Dar a essas palavras o seu tempo de germinação, atentando para o que brota enquanto diferença em sua repetição, aos afetos que podem compor nos encontros, é o que tem nos movido nesse estar juntos/as a plantar palavras.



Imagem 10: Palavras plantadas pelas crianças da turma do 2º ano B, a partir da proposta lançada pela professora Ana Lúcia, na Escola Estadual Dona Castorina Cavalheiro Fonte: Acervo pessoal.



Com os encontros temos pensado que a escola, esse lugar de acolhimento que não deixa de ser também permeado por hostilidades, pode ser um lugar em que linhas das mãos se encontrem para produzir um território de outra ordem, da ordem da produção de caminhos compartilhados que em seus movimentos possam gerar acolhimento/refúgio/escuta, lugar em que possamos juntos/as nos deixar afetar e aprender sobre fronteiras, refúgios e movências, produzindo aberturas para algumas linhas em comum entre gentes, imagens e sementes, e dissensos que possam produzir perturbações na história única e, por sua vez, espaços para comunidades por vir, ainda não imaginadas.

Conexões que cavam espaços para comunidades por vir...

Enquanto docentes e pesquisadores temos tateado meios de produzir espaços... não apenas em encontros/aulas, mas também em nós mesmos, para que as palavras em suas travessias possam encontrar refúgio para germinar outros caminhos possíveis em suas temporalidades próprias. Espaços nos quais se possa "fazer cruzamentos entre palavras e pensamentos que normalmente não se encontram" (RANCIÈRE, 2021, p. 8) onde se possa ouvir o chamado de um povo por vir. Temos experienciado potências com a arte e a literatura, essas ferramentas profícuas de cavar buracos e passagens, para que palavras vindas de outros lugares e de outras histórias possam se encontrar, germinando outros mundos possíveis pelas conexões...

Anna Tsing, menciona que "manter-se vivo - para todas as espécies - requer colaborações viáveis. Colaboração significa trabalhar por meio das diferenças, o que leva a contaminação" (TSING, 2022, p. 73). Colaborações que se contagiam e contaminam-se com e pela diferença, na linguagem e nos sujeitos, mantendo vivas as existências em suas multiplicidades potenciais.

Retomando a problemática que atravessa esta escrita, entendemos que as comunidades, que foram possíveis de ser forjadas em meio a essas travessias de pesquisa-vida, dizem respeito à heterogeneidade de encontros de distintas ordens



que foram acionando, a cada vez, os trânsitos de pesquisa, produzindo comunidade ao passo que encontros alegres foram se produzindo enquanto refúgio para emaranhar vidas, palavras, sementes... Comunidade, comum, aqui, diz dessa potência de conexão, desse sopro que atravessou e acionou a escrita e os processos de criação artística, bem como de experiências educativas que fomos compartilhando no decorrer do texto. Conexão que pelo dissenso potencializou distintos rumos e formas de expansão, afirmando a multiplicidade.

É pelos contágios (ou seja, os encontros de linhas) que buscamos produzir refúgios para geminar processos de criação, e isso tem-nos mantido vivos na pesquisa, na vida. Com esses contágios temos feito um exercício de tentar abrir palavras e imagens para poder tocar em mundos em seus estados de nascimento, em seu estado-semente, em potência de germinação pelos encontros.

Referências:

BARROS, Manoel. Meu quintal é maior que o mundo. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia.* 1º Ed. brasileira. Tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELEUZE, Gilles. *Conversações.* Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

DORNELLES, Dandara. Palavras-germinantes – entrevista com Nego Bispo. *Identidade!* São Leopoldo, v. 26, n. 1 e 2, p. 14-26, jan./dez, 2021. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/Identidade/article/view/1186 Acesso em 20 out. 2023.



GALLO, Sílvio. mínimo, múltiplo, comum. In: RIBETTO, Anelice (Org.). *políticas, poéticas e práticas pedagógicas (com minúsculas)*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2014.

GÓMEZ MORA, Cristian David. *Spinoza, mensajero de lo común*: un diálogo entre Deleuze y Badiou en torno al concepto de lo común de Spinoza. Quito: FLACSO Ecuador, 2019.

INGOLD, Tim. Repensando o animado, reanimando o pensamento. *Espaço Ameríndio,* Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 10-25, jul./dez. 2013.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. *Caminhos investigativos* – novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 133-160.

RIBETTO, Anelice. Pensar a formação de professores desde a experiência e desde o *menor* da formação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n2, p. 109-119, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/issue/view/116> Acesso em 14 jun. 2018.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição* – Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo* – sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Tradução Jorgge Menna Barreto, Yudi Rafael. São Paulo: N-1 editora, 2022.

WAKS, Jonas Tabacof; CARVALHO, José Sérgio Fonseca de; VALLE Lílian do; GRECO, María Beatriz. Tomada da palavra e conquista do tempo livre: uma entrevista com Jacques Rancière. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 47, 2021.

Francieli Regina Garlet
Professora de Arte na Rede Municipal de Ensino de Indaiatuba/SP. Pesquisadora do Programa de Pós-doutorado da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pós-doutora, Doutora e Mestre em Educação na Linha de Pesquisa LP4: Educação e Artes, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), licenciada e bacharela em Artes Visuais pela mesma instituição. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPAEC) e do Laboratório de Estudos Audiovisuais - OLHO. Editora de seção da Revista Digital do LAV (RDLAV).
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6401-5429
E-mail: garletfran@gmail.com

REVISTA DA FUNDARTE
REVISTA 60
DOSSIÊ ARTES, COMUNIDADES E EDUCAÇÃO
ANO 24
NÚMERO 60
AGOSTO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



Antônio Carlos Rodrigues Amorim
Professor Titular na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, na disciplina Cultura, Educação e Imagem. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e Livre Docência nesta mesma Universidade. Pós-Doutorado na Escola de Comunicação do Goldsmiths College da Universidade de Londres. Pesquisador do Laboratório de Estudos Audiovisuais (Olho) e pesquisador associado no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor). Membro Titular do Conselho Técnico-Científico da Educação Básica/CAPES. Desde 2007 sou bolsista produtividade em pesquisa do CNPq. Atualmente, coordeno o Comitê de Assessoramento da Área de Educação (CA-ED) no CNPq.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0323-9207
E-mail: acamorim@unicamp.br

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 31 de janeiro de 2024
Aceito em 15 de maio de 2024
Editor responsável: Júlia Maria Hummes (FUNDARTE)
Editores Convidados: Carmen Lúcia Capra (PPGED da UERGS) e
Leonardo Marques Kussler (PPGED da UERGS)
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/